



Edições Colibri



ISSN 0874-6885

Faces de Eva

ESTUDOS SOBRE A MULHER

NÚMERO 24 ANO 2010

ISABEL STILWELL “BIOGRAFIA AUTORIZADA”

Ana Stilwell Ferreira da Fonseca

Há factos a nosso respeito que apresentamos aos outros como referência da nossa identidade. Eu, como filha, ouço essas referências relativas à minha mãe de cada vez que a vejo encontrar-se com uma pessoa “nova”, ou quando a acho mais insegura e sinto que os revela numa conversa quase como se fossem ingredientes de uma poção mágica que a ajudam a lembrar-se de quem é.

Para a minha mãe, mais conhecida pelos outros como Isabel Stilwell, estas são as principais.

. “Nasci em 1960”. Isto, segundo ela, foi propositado para que, mesmo com todas as dificuldades que sente a Matemática, consiga com facilidade ter a certeza de quantos anos tem.

. “Sou a sétima de oito irmãos”, embora para todos os efeitos seja a “mais nova das raparigas”. Este facto serve tanto como justificação do mimo que recebeu, lembrando-lhe cada um dos seus irmãos, as histórias contadas em voz alta enquanto estava doente, os colos para onde saltava (nesta frase a minha mãe acrescentaria sempre: “mesmo quando eles não queriam que eu lá estivesse”), os casamentos dos mais velhos, e a gravidezes dos sobrinhos (“quando nasceu o primeiro eu tinha 13 anos, e ficou também sobrinho de todas as minhas amigas que não tinham a minha sorte”, diria por esta altura), como também salas de jantar cheias, natais confusos, meias no fundo da cama à espera do Pai-Natal, bolos cheios de velas e presentes a trocarem de mãos. Ser a sétima de oito irmãos é parte chave da infância que teve, tanto sendo a mais nova de seis, como por ser a mais velha de um! Do mais pequeno, de quem podia tomar conta, e a quem cabia a responsabilidade de levar para a escola (“Levei-o muitos anos às cavalitas. Éramos sempre dois príncipes, como os de Narnia”, diz, falando de um dos seus livros favoritos *O Leão, a bruxa e o armário* de C.S. Lewis). “Sou a sétima de oito irmãos”, é também a frase que a ajuda a

explicar aos outros porque é que fala tanto e respira tão pouco por entre as palavras - "Quando alguém finalmente me deixava falar, aproveitava ao máximo!".

. **"Falo e escrevo de forma compulsiva"**. Porque nela escrever é mais do que ser jornalista. É ter a necessidade constante de contar histórias e fazer retratos, seja num jornal com acontecimentos reais do dia-a-dia, seja num livro com personagens históricas ou fictícias. O importante é que passe para o papel os seus sentimentos, a sua visão do mundo, a sua opinião, que precisa de partilhar com os outros.

. **"Rir de mim própria"** é o seu lema de vida. É o que, para ela, traduz uma das suas melhores capacidades. Viver a vida profundamente, o mais fundo que conseguir ir, mas com humor. É também a forma de criticar aquilo que mais odeia: a falta de sentido de humor, que garante ser a pior doença que pode atacar alguém, e que lamenta, tantas vezes, corre o risco de se tornar uma epidemia.

. **"Sou filha de pais ingleses mas nasci e cresci em Portugal"**. Isto é a forma da minha mãe explicar o lugar de onde acredita vir o seu sentido de humor, explicando simultaneamente ("Nasci e cresci em Portugal"...) porque não é tão fleumática como o resto da família. Nunca me admiro se, neste contexto, acrescentar qualquer coisa como "Eles tinham um bocadinho de vergonha do facto de eu falar com toda a gente que me cruzava, mas depois dava-lhes jeito sempre que era preciso fazer algum recado, ou telefonar a desmarcar uma consulta".

. **"Acredito em magia"**. Porque existe? Isso, diria a minha mãe, não explica nada porque é apenas a constatação de um facto. Um facto que assume como inegável, chamando a quem se atreve a contrariar a declaração de "muggle", personagens não-mágicas dos livros de Harry Potter, que tal como *O Hobbit* e o *Senhor dos Anéis*, do J.R.R.Tolkien, e qualquer outra história (verdadeira) de magia que possa ter conhecido em criança, estão muito vivos na sua memória (e na sua estante).

. **"Sou filha de Francis Bartholomew Stilwell"**. Para a minha mãe isto não consiste apenas numa repetição do que consta do seu Bilhete de Identidade. É uma afirmação profunda, porque sendo filha de Francis Stilwell, não podia ser filha de mais ninguém. E ser filha de Francis Stilwell explica, segundo ela, o humor que herdou, mas explica também, e desta vez "segundo eu", porque a minha mãe não é dada a auto-elogios, a bondade, a sensibilidade, o gosto pela jardinagem, pela escrita e pela magia.

. **"Sou (muito) filha de Pamela Fitzherbert-Brocholes Stilwell"** e isso traduz-se - e, mais uma vez, intervenho eu a bem da verdade - na coragem, na determinação e na força que a minha mãe reconhece à sua

própria mãe, mas que, por vezes, se esquece de ver nela própria. Embora diga que, até ao fim da vida da minha avó, se comportou perante ela "como uma verdadeira adolescente", não descansa enquanto não contar a quem a queira ouvir como a mãe veio para Portugal por amor, venceu a barreira da língua e da cultura e nunca se comportou como "aqueles estrangeiros que se fecham sobre a sua comunidade nativa", educou oito filhos, e dedicou a sua vida a tornar melhor e mais digna a vida dos mais pobres da paróquia de Santos-o-Velho. E, mais minuto, menos minuto, vai falar-lhe da Fé inquebrantável da minha avó, vinda de uma família católica num país de protestantes, orgulhosa da sua fidelidade a uma crença mesmo quando levou à Torre de Londres e à forca os seus antepassados.

. "Quem diz que a infância é cor-de-rosa perdeu a memória!", diz, com um sorriso irónico, sempre que lhe vêm com aquela conversa de que a felicidade é coisa de crianças. Aliás, sobre a sua própria é clara, "tudo em geral é traumatizante, sem que nenhum dos traumas que sofri tivesse sequer direito a entrar num compêndio de traumas graves". Acima de tudo, e antes de mais, detestava a escola. Destaca um dos piores momentos: "Fui ao quadro na 2.^a classe e escrevi o «a» com aquelas perninhas e arrebiques todos que tu já não conheces, da direita para a esquerda, em vez da esquerda para a direita". Resultado: "Uma estalada da directora em frente de todas as outras meninas". E as lágrimas ("Chorava por tudo e por nada", é verdade, acrescenta), a vergonha, a vontade de fugir que se lhe seguiram. Desta e de tantas outras vezes em que constava com sofrimento que o mundo não era um sítio justo. Sobrava-lhe o contentamento que tirava das idas e vindas para a escola: apesar de ser a sétima a frequentar o *Lar da Criança*, orgulha-se de ter sido a primeira a descobrir o caminho a pé mais curto para lá chegar, que nunca tinha sido explorado pelos anteriores porque implicava atravessar o ISEG, e para isso era preciso lata - qualidade que foi exercitando e que, mais tarde, nos primeiros tempos como jornalista lhe deu muito jeito.

. "Fui disléxica, mas ao contrário das profecias dos professores, sou jornalista". Esborratava a tinta permanente com que a obrigavam a escrever, e os seus ditados tinham quase mais erros ortográficos do que palavras, conta. Dor agravada pelo facto de, pelo menos na cabeça dela, "os meus irmãos eram todos óptimos alunos, e ainda por cima tinham andado na mesma escola". A mãe, num gesto invulgar ao tempo, decidiu levá-la ao psicólogo, e aos 8 anos diagnosticaram-lhe dislexia. Diz que sentiu um imenso alívio, não era burra, tinha «uma coisa qualquer» que explicava aquelas trocas de letras todas, mas "eles disseram que eu era muito esperta e, pelo menos durante um bocadinho, essa foi a melhor

notícia do ano (pelo menos até a directora me acusar de usar a dislexia como desculpa para a preguiça!). Hoje em dia essa dificuldade com a ortografia ainda é importante, não para o dia-a-dia (abençoados correctores ortográficos e revisores), mas para “quando vou às escolas falar com os miúdos, e lhes posso dizer que sofro de dislexia, mas que não foi por isso que deixei de escrever”.

O melhor da Primária foi ter chegado ao fim, garante a minha mãe, e de com a “passagem” ter ganho o direito a ir a Inglaterra com os pais (mas no estatuto de filha única pela primeira vez na vida), (re)conhecer a avó materna (estivera com ela aos 2 anos, mas não se lembrava), que se revelou surpreendentemente meiguinha, e visitar todos os marcos importantes no passado da mãe dela – a casa na árvore, o lago onde patinava no gelo, a capela onde fez a primeira comunhão...

A mudança de nome

Quando passou para o Colégio do Bom Sucesso, em Belém, onde iria estudar até ao 5.º ano do liceu, decidiu mudar de nome. Do nome usado em casa (Mariebelle, refere com um torcer do nariz!), passou a insistir em ser chamada Isabel, o seu nome de registo, por capricho do notário que não aceitou a sugestão inglesa (“Sou a única dos oito que tem um nome português, o que explica muita coisa”, acrescenta). A “mutação” nunca chegou a território familiar, onde estava indelevelmente baptizada já com dezenas de diminutivos inventados pelos mais velhos), “o que dava imensas confusões sempre que alguém ligava para casa, onde todos afirmavam com toda a sinceridade não conhecer Isabel nenhuma”.

Não foi só o mundo interno da minha mãe que foi mudando, cá por fora o mundo mudava também. A casa dos meus avós tinha constantemente pessoas a entrar e a sair, padres do convento dos Inglesinhos e dominicanos irlandeses, tios mais ou menos afastados, escritores e pintores, de entre os quais o mais memorável era o poeta Ruy Cinatti, eram convidados frequentes. A minha mãe conta que embora ouvir fosse o que faziam mais (“ouvir era tão fascinante, que até me esquecia de falar”, explica), lá iam conseguindo espaço para fazer perguntas e até discutir pontos de vista. Não era uma família politicamente activa, mas tinha consciência absoluta de que a situação política tinha que evoluir, que era preciso encontrar uma solução para “as províncias ultramarinas”, e que Portugal precisava urgentemente de uma democracia.

Apesar disso a manhã do 25 de Abril pode ter sido muito importante para o país, mas para a minha mãe, com 13 anos, o “estado de sítio” tinha uma vantagem imediata: faltar ao ponto de Geografia! Morando em fren-

te da Emissora Nacional, ocupada pelos soldados, que se sentavam no telhado com as suas G3 ao lado, era irresistível a vontade de ver melhor, saindo para o terraço com uns binóculos. Embora estivesse a ser uma aventura vigiá-los, recebeu um raspanete enorme do meu avô, que tendo vivido a II Guerra Mundial sabia as consequências graves que podia ter o brilho de um binóculo num soldado nervoso.

A casa, agora só com quatro filhos residentes (os outros ou estavam casados ou a estudar em Inglaterra, regressando só nas férias) continuava activa. Tal como a minha mãe, cada vez mais envolvida no mundo exterior e nos acontecimentos presentes. Quando lhe perguntei se tinha ido a manifestações e comícios, respondeu-me, chocada, “Estive em todos, na Alameda, no Terreiro do Paço... não queríamos que Portugal passasse de uma ditadura de direita para um regime comunista”. E acredito mesmo que sim. Nunca ficou quieta quando tinha uma causa para defender. Nestes momentos, tenho mesmo que fugir, porque senão insiste em mostrar-me os cadernos gigantes com autocolantes de partidos políticos, os recortes de jornais, e os cartazes que o irmão mais novo colecionava. Foi nessa altura, lembra, que decidiu começar a ler o jornal todos os dias.

Em 1975/76 entrou para o 6.º ano do liceu (o 10.º de hoje), no Colégio de S. João de Brito. O Liceu Camões tinha sido a primeira escolha, mas na “desorganização revolucionária” tinham-na colocado num turno à noite num anexo no Intendente. Aí, a minha avó, chocada além do mais porque já iam em Novembro e as aulas não começavam, e sabendo que os jesuítas tinham decidido abrir naquele ano o Secundário a raparigas, dispensou a empregada da casa e mandou-a para a escola onde andava o seu filho mais novo (e já tinha andado um outro). “Fui do primeiro ano misto num colégio ancestralmente de rapazes, e comandado por padres, foi uma mudança ótima”, explica. Além do mais, acrescenta, “descobri a surpresa de ser boa aluna. Não sei se por me ter visto livre de Matemática, se por o ensino ser melhor, ou, suspeito, porque ali não tinha o rótulo de uma aluna com dislexia”.

Em 1977/78 foi cobaia do ano Propedêutico. “O que é isso mãe?”. “Era ir para a escola de roupão”, respondeu-me. Com aulas a todas as disciplinas passadas na RTP, e exames nas escolas secundárias, era a única via de acesso à universidade. Candidatou-se ao curso de História, na Faculdade de Letras, porque gostava, mas também “porque não havia nem Jornalismo nem Psicologia”. Mas nessa altura, já trabalhava, porque ocupara “o ano mais ou menos livre”, empregando-se numa revista, a *ACTOS*, dirigida por João Gomes, e em que estavam, entre muitos outros, o Padre António Rego. E foi com o Padre Rego que começou no ainda existente 70x7, onde pela primeira vez fez entrevistas de microfonação na mão.

Em 1980/1981, quando abre o curso de Comunicação Social na Universidade Nova, decide mudar. Jura que os seus pais nunca a chatearam por ter mudado de área, embora o pai, formado em História, em Oxford, ficasse com pena.

A adrenalina do jornalismo

Em 1981, ainda a estudar, foi aceite no *Diário de Notícias* como estagiária, três meses à experiência, era director o Mário Mesquita. Fala com imenso entusiasmo desta fase da vida. Diz que mergulhou no ritmo alucinante de um diário, que saltou de secção do jornal em secção (recorda que Mário Resendes era o coordenador da Política Nacional, Silva Pires e José António Santos, do Nacional, e fala de Alice Vieira, da Maria Augusta Silva e de mil outros nomes a que perco o rasto), em que a agitação política no exterior era mais calma do que aquela que todos os dias ali se vivia (“Nem sei como é que o jornal saía, com tantos Plenários no refeitório”, diz a rir). O primeiro serviço foi o desembarque de bananas da Madeira, e fê-lo com o mesmo entusiasmo do que se tivesse sido um assunto de importância nacional! Pensava no trabalho 24 horas por dia e sentia-se duplamente privilegiada: era mesmo aquela a profissão que queria, e todos podiam gostar dela “porque fui a primeira leva a entrar depois do 25 de Abril sem qualquer conotação política”. Ao fim de seis meses tinha uma úlcera. “Nunca mais fiz sermões aos meus colegas por beberem tantos cafés e fumarem demais – eles estavam ótimos, eu é que andava cheia de dores de estômago”, diz às gargalhadas.

Casou em Dezembro de 1981 com o meu pai (e dos meus dois irmãos – Francisco e Madalena) e fez o curso até ao 3.º ano, quando filhos e trabalho tornaram impossível mais conciliações. Se teve pena? Nenhuma! Estava já a trabalhar naquilo que queria. Paralelamente, fazia artigos de comportamento e humor, a pedido da Madalena Fragoso, para o Sema-nário: “era uma escrita completamente diferente, e que me fez perceber que também conseguia dominar outros estilos”. Quando o ritmo começou a ficar muito pesado – eu já tinha nascido, entretanto – aceitou o convite para a revista *Elle*. Ao contrário do que esperava não gostou, e teve medo que o seu gosto pelo jornalismo estivesse mais relacionado com a equipa do *DN* do que com a profissão. Só quando seis meses depois, em 1988, foi para a *Marie Claire*, a convite de Maria Elisa Domingues é que percebeu que não. Regista que os anos da *Marie Claire* foram fantásticos e que aprendeu imenso com a Maria Elisa, e com a parceria com os franceses, numa altura em que o mundo das revistas estava numa explosão total – “foi ali que aprendi a gostar de ilustração, a ser exigente com a

fotografia, a perceber que uma história pode ser contada de mil maneiras diferentes”, explica.

Em 1990 nasceu a minha irmã mais nova, a Madalena, e foi convidada para inventar uma revista para pais. Acreditando (e diz isto frequentemente) que só se escreve bem sobre aquilo que se conhece aceitou, e fundou a *Pais & Filhos*, com toda a adrenalina de quem começa um projecto de raiz. Garante que o título principal da primeira edição da revista, ilustra bem a filosofia da revista: “Os pais também fazem birras”. É este o tempo em que convida para cronistas Manuel Abecasis, Daniel Sampaio, Mário Cordeiro, Vasco Prazeres, Júlio Machado Vaz e tantos outros que “revolucionam a maneira de ver as crianças”, e de trabalhar com uma equipa pequenina e mais-do-que-criativa (“Éramos cinco pessoas, eu, o Fernando Coelho (Caixa Alta), autor do projecto gráfico e fazia todos os meses a revista, a Cláudia Moura, a Carmo van Uden, e mais tarde a Mafalda van Uden).

Em 1994, foi convidada para a *Noticias Magazine*, a revista de domingo do DN e JN, que então tinham sido privatizados. O dono, o Tenente Coronel Luís Silva, foi uma personagem que entra não só história de vida da minha mãe, como na minha, por já ter idade de o conhecer e perceber como era uma personagem tão fascinante. “A NM foi, de novo, a adrenalina de criar uma revista praticamente do zero”. Um outro projecto cresceu mais tarde, e em simultâneo, a revista *Adolescentes – Manual para Pais*, e depois começaram os livros – sendo que o primeiro, o *Guia para Ficar a Saber Ainda Menos sobre as Mulheres*, com ilustrações da Fernanda Fraga-teiro, e que vendeu 50 mil exemplares, será sempre um marco!

A mãe dessa altura é a mãe de agora. Mudou para o *Destak* em 2007, depois de 13 anos na NM, anda a mil à hora, tem tempo para tudo sem se perceber exactamente como (eu suspeito que tem o instrumento mágico que a Hermione usa no “Harry Potter” e que lhe permite voltar atrás no tempo). Adora ir às escolas falar com as crianças/adolescentes, aproveita os livros de histórias infantis que escreveu em parceria com os meus dois irmãos (*Histórias para Contar em Minuto e Meio*), ou aqueles que escreveu comigo (*Diário de uma Mãe/Diário de uma Filha*, *É Meia Noite Não Chove* e *Ela Não Está em Casa*) para o fazer com mais frequência. Descobriu, entretanto, uma paixão muito especial: os romances históricos sobre rainhas portuguesas (Filipa de Lencastre, Catarina de Bragança e, agora, Amélia, a última rainha de Portugal), onde mergulha tão profundamente que a partir de certa altura só responde ao título de “Sua Alteza Real” – agora o humor é meu.

Fala cinco minutos por dia, com o Eduardo Sá, na *Antena 1* e sai de todas as gravações com um sorriso de felicidade na cara, feliz com tudo o

que aprendeu com ele, divertida por ter sido capaz de o provocar, entusiasmada com as ideias que “inventaram”; “Fala com Elas” na RTPN, e fala com toda a gente que lhe aparecer à frente sobre tudo o que for preciso nos intervalos. Fala comigo sobre o meu casamento, e sobre os netos (gémeos) que estão a crescer na minha barriga e que lhe dão agora o título de avó, fala de neurociência com a minha irmã Madalena, que está a estudar em Cambridge, fala de marketing e de windsurf com o meu irmão Francisco, fala com o Luciano, o meu padraсто que conseguiu, com toda a subtileza, apagar a conotação negativa da palavra, sobre o dia de ontem, o de hoje e o de amanhã, e fala com o resto do país no seu editorial diário. Se quiserem saber mais, leiam!

Sintra, 1 de Fevereiro de 2010